



Title	<書評>Borges, Vera. A contas com o império : imagens a Oriente na poesia em português. Aveiro : UA Editora (Universidade de Aveiro), 2024.
Author(s)	Aires, Pedro
Citation	Anais : Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros. 2025, 51, p. 109-123
Version Type	VoR
URL	https://hdl.handle.net/11094/103351
rights	
Note	

The University of Osaka Institutional Knowledge Archive : OUKA

<https://ir.library.osaka-u.ac.jp/>

The University of Osaka

Borges, Vera. *A contas com o império: imagens a Oriente na poesia em português*. Aveiro: UA Editora (Universidade de Aveiro), 2024.

PEDRO AIRES

Introdução

A obra *A contas com o império: imagens a Oriente na poesia em português*, da investigadora e professora **Vera Borges** (Prof^a Associada da Universidade Cidade de Macau), publicada em 2024 pela UA Editora, representa um marco nos estudos literários contemporâneos em língua portuguesa, sobretudo no cruzamento entre literatura, história e estudos pós-coloniais. Resultado de treze anos de docência e investigação em Macau, a obra reflete uma experiência direta num dos espaços mais singulares do antigo império português. A autora parte da observação de que Macau é, simultaneamente, uma improbabilidade histórica e um laboratório de hibridismos culturais, tomando-se terreno fértil para questionar a permanência e as metamorfoses das imagens do Oriente na poesia escrita em português.

Segundo Borges, Macau é um espaço composto, onde se cruzam línguas, memórias e pertenças. Neste território (e nas suas ressonâncias literárias), surgem múltiplas camadas de identidade, entre o império e a mestiçagem, entre a memória e a reinvenção poética. O subtítulo do livro — *imagens a Oriente na poesia em português* — indica precisamente esta

dimensão analítica, de como o “Oriente” é construído, imaginado e revisto nos textos poéticos.

A importância desta obra reside em três pontos centrais:

a) o *corpus* analisado, que abrange autores clássicos e contemporâneos, incluindo figuras canônicas como Camões, Sophia de Mello Breyner Andresen, Manuel Alegre, mas também nomes menos consagrados da literatura portuguesa como Cecília Jorge, Fernanda Dias ou Sales Lopes. Esta diversidade permite à autora cruzar vozes de diferentes proveniências e momentos históricos, num esforço comparatista que ilumina tanto os vestígios coloniais como os mecanismos de resistência, transformação e catarse poética;

b) o diálogo entre crítica literária, teoria pós-colonial e comparatismo cultural e literário, que estrutura a análise;

c) por fim, a ênfase na experiência estética e existencial da poesia, recusando leituras redutoras que a limitem a mera expressão do exotismo orientalista ou propaganda imperial.

O Prefácio de Helena Carvalhão Buescu

O prefácio de Helena Carvalhão Buescu (Profa. Catedrática Emérita de Literatura Comparada e Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) confere densidade ao volume. Buescu sublinha a heterogeneidade dos universos poéticos estudados, salientando como o trabalho de Borges constitui ele próprio um cruzamento entre vozes, geografias e

memórias. Ao caracterizar Macau como “realidade compósita e híbrida” (pág. 9), inscreve a reflexão da autora no quadro dos estudos pós-coloniais e comparatistas, reforçando que esta obra ajuda a compreender a excecionalidade do espaço macaense. A prefaciante insiste ainda que a poesia analisada transporta feridas de ordem exílica, cultural e histórica, que Borges evidencia ao longo da sua leitura.

Enquadramento Teórico

O enquadramento crítico de Borges assenta em vários pilares, aos quais acrescenta a relevância de Earl Miner, figura decisiva para o comparatismo intercultural.

1. Orientalismo e Pós-colonialismo: Sem nunca o referir na obra, a autora parece trabalhar com a herança de Edward Said (1978) e o conceito de “orientalismo”, mas desloca o debate para a especificidade portuguesa. Dialoga ainda com Mary Louise Pratt, que cunhou a noção de “olhos imperiais” e “zonas de contacto” (Pratt, 2008 [edição original de 1992]), e com Homi Bhabha, cujo conceito de “entre-lugares” (in-between) e de hibridez (Bhabha, 1998) ajuda a compreender Macau. O pensamento de Walter Mignolo sobre a “desobediência epistémica” e o paradigma decolonial (Mignolo, 2011) também perpassa a análise.

2. Comparatismo e Literatura-Mundo: O contributo de Helena Carvalhão Buescu é central em *A contas com o império*. Borges recorre ao conceito de “grande angular” crítica e à ideia de literatura como cristalização da memória cultural (Buescu, 2013). O quadro conceptual de “literatura-mundo”

permite-lhe interpretar a poesia portuguesa como espaço de cruzamento rizomático com outras literaturas (Buesco, 2013).

3. Earl Miner e o comparatismo intercultural – Miner, em *Comparative poetics* (1990), é fundamental para pensar os diálogos entre literaturas ocidentais e orientais, valorizando tradições como a poesia japonesa. Borges retoma este enquadramento para legitimar a leitura da apropriação criativa das poéticas chinesa e japonesa por poetas portugueses. O professor da Universidade de Princeton, falecido em 2004, tem sido uma influência constante no trabalho académico de Borges.

4. Memória cultural e identidade: A reflexão de Eduardo Lourenço sobre o imaginário das Descobertas e a “dimensão onírica” da identidade nacional portuguesa (Lourenço, 2012), bem como a análise de Margarida Calafate Ribeiro sobre a “história de regressos” (Ribeiro, 2004), ajudam a situar os poetas estudados no interior de uma tradição que simultaneamente celebra e problematiza o império.

5. Poética da navegação: A herança camonianiana é apresentada como matriz fundadora da poesia em português. Borges mostra como a navegação se tornou metáfora de uma poética nacional, retomada e reconfigurada em Sophia, Manuel Alegre e outros.

Estrutura e Conteúdo

O livro divide-se em quatro grandes secções e onze capítulos: Trânsitos; A contas com a origem; “Is this love?”; Trocar de voz: fascínios e estranhamentos.

I. Trânsitos

A primeira secção centra-se na poética da navegação como mito fundador da literatura portuguesa. Sophia de Mello Breyner surge como herdeira de Camões, articulando o olhar inaugural dos Descobrimentos com uma ética da claridade. Os poemas de *Navegações* (1983) são lidos como reatualização da experiência camoniana: o ato de nomear é equivalente ao de descobrir. A viagem, em Sophia, é sempre transfiguração ética e estética.

Ruy Cinatti é analisado no seu vínculo a Timor. Borges mostra como a experiência timorense constitui para Cinatti uma revelação existencial, fundadora do seu universo poético. A sua escrita, atravessada pelo catolicismo, transforma o Oriente em espaço de revelação. Aliás, a análise a Ruy Cinatti é recorrente na obra da autora (Borges, 2014).

II. A contas com a origem

Nesta parte, a autora aborda o luto e a despedida do império. Cecília Jorge, poeta macaense, é apresentada como voz que condensa a “condição macaense”: nostalgia, ferida e perplexidade perante a transição de 1999. O livro *Poemas para Macau* (2020) é lido como testemunho agudo de uma identidade entrelaçada, recusando mitos lusotropicalistas.

Vimala Devi, por sua vez, encarna a despedida lírica do império em Goa. O seu livro *Súria* (1962) é interpretado como texto em que o pranto se

toma a raiz do lirismo. Borges demonstra como a experiência colonial e a vivência de dupla pertença marcam a sua poesia com uma dor essencial.

III. “Is this love?”

Esta secção trata da relação entre poesia, amor e intertextualidade. Carlos André é analisado como poeta que recria Macau sob o ritmo de um “metrónimo camoniano”, evidenciando a persistência de Camões como presença matricial (André, 2018). Sales Lopes aparece como poeta do amor e da osmose cultural, afirmando que “uma relação assim só pode ser amor” (Lopes, 2013, p. 147).

O diálogo entre Sophia de Mello Breyner e Fernanda Dias revela aproximações inesperadas: ambas encenam uma poética da luz e da viagem, mas Dias intensifica o confronto com a experiência macaense, como no poema que pergunta: “Que olhos trazia quem por aqui passou?” (Dias, 2016, p. 63).

Por fim, o capítulo 8, um dos mais originais, é dedicado a Duarte Drumond Braga, que revisita Macau através da cultura pop ocidental (como Alyson Moyet). Borges mostra como o espaço oriental reaparece na poesia contemporânea em registos irónicos e intertextuais, onde a nostalgia convive com a ironia pós-moderna.

IV. Trocar de voz: fascínios e estranhamentos

A última parte analisa o fascínio da poesia portuguesa por tradições orientais. Camilo Pessanha é revisitado a partir da leitura que dele faz Agustina Bessa-Luís em *A Quinta Essência* (1999), onde se encena um espelho mítico

da melancolia oriental. Borges demonstra como o simbolismo pessoano dialoga com uma idealização da poesia chinesa.

O capítulo 10, o segundo da parte IV desta obra, é particularmente relevante: nele, a autora revisita a receção da poesia chinesa e japonesa na literatura portuguesa, mostrando como muitos poetas projetaram nessas tradições uma utopia estética de concisão, silêncio e essencialidade. A poesia oriental é vista como horizonte ideal da poesia, mais do que como apropriação cultural.

O livro culmina com o capítulo 11, com a análise dos exercícios poéticos de Fernanda Dias e Sales Lopes, que se aproximam da alteridade a ponto de “trocar de voz”. A poesia torna-se aqui espaço de tradução simbólica, onde o eu fala pelo outro.

Temas Centrais

Um dos eixos temáticos mais interessantes do livro parece ser o tratamento da chamada “condição macaense”. Em vez de uma abordagem nostálgica ou celebratória, Borges parece interessar-se pela forma como a poesia exprime o luto, a sobrevivência identitária e a complexidade crioulista das comunidades pós-coloniais. É neste contexto que emerge o conceito de “navegação poética” — uma metáfora que sugere não apenas deslocação, mas também tentativa de orientação e sentido num mundo fragmentado pelo colonialismo.

Podemos identificar sete temas principais na obra *A contas com o império*:

1. **Macau como hibridez cultural** – Macau é entendido como um laboratório da hibridez, onde identidades se cruzam e se transformam. Borges mostra que este espaço funciona como metáfora das dinâmicas pós-coloniais mais amplas, permitindo observar como o encontro de culturas não gera sínteses harmoniosas, mas tensões criativas. A poesia macaense, de Cecília Jorge a Fernanda Dias, é paradigmática deste fenómeno.

2. **A herança camoniana como matriz da poesia portuguesa** – Camões e *Os Lusíadas* surgem como matriz inevitável. A navegação, enquanto metáfora de deslocamento e revelação, estrutura tanto a poesia épica como a lírica contemporânea. Autores como Sophia ou Carlos André revisitam Camões para reinscrever a sua poética em contextos modernos e pós-coloniais.

3. **Ferida exílica e memória pós-colonial** – A experiência do exílio, da deslocação e da perda é uma constante. Poetas como Vimala Devi e Ruy Cinatti inscrevem no Oriente uma ferida íntima, transformando a poesia em lamento ou oração. Borges analisa como essa ferida é também memória coletiva, inseparável do trauma colonial.

4. **Ambivalência entre fascínio e estranhamento** – O Oriente é simultaneamente objeto de fascínio e de estranhamento. A poesia revela tanto o desejo de apropriação estética (como em Pessanha) como a recusa ética de exotismo (como em Fernanda Dias). Essa ambivalência é um dos pontos mais fortes do estudo, pois impede leituras unívocas.

5. A utopia da poesia oriental e a relevância de Earl Miner – A apropriação de tradições chinesas e japonesas mostra que a poesia portuguesa procurou no Oriente uma utopia estética, um lugar de regeneração poética. A teorização de Earl Miner legitima esta leitura comparatista, permitindo ver estas influências não como cópia, mas como diálogo criativo.

6. A poesia de Fernanda Dias como espaço de crítica e reinvenção – A obra de Fernanda Dias destaca-se pela clareza ética: ela questiona diretamente a herança colonial, recusa exotismos e defende a responsabilidade de olhar o outro. A sua poesia constitui uma das vozes mais críticas do *corpus*, sendo também uma das que mais expandem os horizontes da poesia portuguesa contemporânea.

7. Japão como modelo poético e intercultural – O Japão é tratado não como espaço histórico do império português, mas como modelo estético. A influência do haiku, da concisão e do silêncio revela-se nas obras de Sophia e de outros autores, permitindo à poesia portuguesa reinventar as suas próprias formas. Este tema evidencia a amplitude comparatista da obra de Borges e o seu diálogo com Earl Miner.

Em conjunto, estes temas revelam como a poesia portuguesa em torno do Oriente é atravessada por memórias coloniais, tensões identitárias, diálogos interculturais e invenções formais. O mérito de Borges está em mostrar que não se trata de exotismo nem de simples nostalgia, mas de um campo dinâmico onde se negociam memória, ética e estética.

Do ponto de vista metodológico, a obra adopta uma abordagem interdisciplinar, articulando teoria literária, crítica pós-colonial e história cultural. A linguagem é densa, mas rigorosa, e o tom crítico nunca descola da sensibilidade literária, o que confere ao texto uma profundidade analítica aliada a um respeito pelas singularidades dos textos poéticos.

O Japão e a poesia portuguesa

Um dos aspetos explorados na obra é a relação entre a poesia portuguesa e o Japão. Embora a experiência histórica de Portugal com o Japão tenha sido breve, a sua memória reaparece de forma simbólica na poesia contemporânea. Borges menciona como o Japão surge muitas vezes como espaço estético, idealizado pela concisão, pelo silêncio e pela clareza da poesia clássica japonesa.

A influência do haiku é central neste processo. Poetas portugueses encontram nessa forma breve e concentrada uma estética que ecoa a tradição camoniana da síntese e do rigor, mas que se desloca para uma ética do olhar, mais contemplativa. A leitura de Earl Miner, especialista em literatura comparada e estudioso da poesia japonesa, é decisiva para legitimar esta receção, pois permite compreender como a poesia portuguesa não apenas imita, mas transforma e reinscreve o haiku no seu próprio horizonte literário.

Autores como Sophia de Mello Breyner e Fernanda Dias mostram essa influência indireta: Sophia, pela busca da clareza e do instante revelador; Dias, pela utilização do silêncio e da economia verbal como forma de questionar o legado colonial. O Japão torna-se, assim, menos espaço geográfico e mais

modelo poético, capaz de oferecer aos poetas portugueses novas ferramentas para interrogar a sua própria tradição.

Borges conclui que a presença do Japão na poesia portuguesa é exemplo paradigmático de como a literatura pode dialogar interculturalmente sem se limitar à apropriação exótica. Antes, trata-se de uma transcrição que revela afinidades estéticas e éticas.

Conclusões da Autora

Vera Borges conclui que os poetas estudados não escrevem a partir de “olhos imperiais” no sentido prattiano (Pratt, 2008). Pelo contrário, a sua relação com o Oriente é marcada por deslocamentos identitários, pranto, fascínio e amor. O império não aparece como celebração, mas como ferida e memória, como campo de tensões produtivas. O contributo central da autora é mostrar que a poesia portuguesa sobre o Oriente é lugar de metamorfoses: entre ética e estética, entre memória e invenção, entre reencontro e estranhamento.

Nas suas conclusões, Borges também evidencia que a hibridez de Macau não é apenas condição local, mas metáfora para compreender a experiência pós-colonial contemporânea. Autores como Fernanda Dias tornam-se exemplares por mostrarem que a poesia pode interrogar diretamente a herança colonial, recusando exotismos e procurando um lugar de responsabilidade no olhar. Earl Miner, ao legitimar os diálogos interculturais, e Buescu, ao salientar a importância da literatura-mundo, sustentam teórica e comparativamente este argumento final: a literatura portuguesa continua a ser escrita “a contas com o império”.

Avaliação Crítica

A avaliação crítica da obra permite reconhecer o seu impacto em vários níveis.

Primeiro, no plano literário, o *corpus* analisado é diversificado e desafia o cânone, trazendo para o debate poetas menos estudados, como Cecília Jorge, Sales Lopes e Fernanda Dias. Esta inclusão descentraliza o discurso literário português, conferindo visibilidade a vozes marginais e femininas, frequentemente esquecidas.

Segundo, no plano teórico, o livro articula de forma exemplar a teoria pós-colonial, o comparatismo e a literatura-mundo. O diálogo entre Said, Pratt, Bhabha, Mignolo, Earl Miner e Buescu cria um quadro crítico robusto que permite reler a poesia portuguesa em chave intercultural. Essa sofisticação metodológica é um dos pontos fortes do estudo.

Terceiro, no plano político e cultural, o livro tem relevância social, pois questiona o modo como o império continua a ressoar na memória nacional. A poesia é apresentada como campo privilegiado para compreender as ambiguidades da identidade portuguesa, os seus silêncios e os seus lutos. É também um gesto político de crítica ao eurocentrismo e de valorização das vozes periféricas.

Finalmente, no plano pedagógico, a clareza da escrita de Borges torna o livro acessível não apenas a especialistas, mas também a estudantes e leitores interessados, servindo de manual crítico sobre poesia e império.

Considerações Finais

Com cerca de 200 páginas, *A contas com o império* é uma obra fundamental para os estudos literários, culturais e pós-coloniais em língua portuguesa. A análise das imagens do Oriente na poesia portuguesa revela a persistência do império como memória e ferida, mas também como fonte de reinvenção estética. A obra mostra que o passado colonial continua a ressoar no presente, e que a poesia é um espaço privilegiado para interrogar essa herança.

A conjugação entre o prefácio de Helena Carvalhão Buescu, que inscreve o estudo no comparatismo e na literatura-mundo, a referência a Earl Miner, que legitima os diálogos interculturais, e a ênfase na poesia de Fernanda Dias, que encarna a crítica mais radical ao legado colonial, reforça a densidade académica do livro. Borges oferece-nos, assim, não apenas um estudo literário, mas também uma reflexão sobre identidade, memória e responsabilidade ética.

Recomenda-se vivamente esta leitura a investigadores, docentes e estudantes de literatura, estudos culturais e história intelectual, mas também a leitores interessados em compreender a complexa relação entre Portugal e o Oriente. No balanço final, a grande lição de Borges é clara: a poesia portuguesa, em diálogo com o Oriente, não é apenas testemunho de um passado imperial, mas espaço de invenção e de crítica, onde Portugal continua, hoje, “a contas com o império”.

Em suma, *A contas com o império: imagens a Oriente na poesia em português* é uma contribuição relevante para o estudo das literaturas lusófonas, ao problematizar a herança imperial e dar voz às poéticas marginais ou

periféricas que, na verdade, reconfiguram o centro. Pela sua atenção à diversidade textual e à complexidade identitária do espaço pós-colonial, o livro é recomendável tanto a investigadores de literatura como a leitores interessados na história cultural dos antigos territórios de língua portuguesa.

Referências bibliográficas

ANDRÉ, Carlos (2018). *...o sol, logo em nascendo, vê primeiro*. Macau: Livros do Oriente.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (1983) *Navegações*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

BESSA-LUÍS, Augustina (1999). *A Quinta Essência*. Lisboa: Guimarães Editores.

BHABHA, Homi (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

BORGES, Vera (2014). “*Transforma-se o amador na coisa amada*”: os percursos exemplares de Ruy Cinatti e Fernanda Dias por Timor e Macau. In M. M. Baptista, & S. V. Maia (Eds.), *Colonialismos, Pós-Colonialismos e Lusofonias – Atas do IV Congresso Internacional em Estudos Culturais* (pp. 296-304). Lisboa: Ver O Verso Edições.

BUESCO, Helena Carvalhão (2013). *Experiência do Incomum e da Boa Vizinhança. Literatura Comparada e Literatura-Mundo*. Porto: Porto Editora.

DEVI, Vimala (1962). *Síria. Poemas*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.

DIAS, Fernanda (2016). *O mapa esquivo*. Macau: Livros do Oriente.

JORGE, Cecília (2020). *Poemas para Macau*. Macau: Livros do Oriente.

LOPES, Sales (2013). *Geo Metria & Exercícios em busca da perfeição*. Macau: Associação de Estórias de Macau.

LOURENÇO, Eduardo (2012). “Prefácio. *A Dupla Viagem*”, Almeida Faria, *O murmúrio do mundo* (pp. 7-16). Lisboa: Tinta da China.

MIGNOLO, Walter (2011). *Epistemic disobedience and the decolonial option: a manifesto*. Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World, 44-66. Merced: University of California.

MINER, Earl (1990). *Comparative poetics: An intercultural essay on theories of literature*. Princeton: Princeton University Press.

PRATT, Mary Louise (2008). *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation* (2nd ed.). New York: Routledge.

RIBEIRO, Margarida Calafate (2004). *Uma História de Regressos. Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo*. Porto: Edições Afrontamento.

SAID, Edward (1978). *Orientalism*. New York: Pantheon Books.